

Medicina Popular

RAIVA

(Continuação — Vid. *Revista Lusitana*, xxiii, 98)

No final do meu artigo antecedente ¹ vem, transcrito da *Revista Lusitana* ², o seguinte passo:

— «O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e não vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão não (Soajo)».

Há, nestas linhas transcritas, em erro tipográfico, que me apresso a corrigir: onde está *não vir*, deveria estar *vir*, isto é: precisamente o contrário. O lapso é apenas da transcrição.

Recapitulando e ampliando o que deixei dito nos últimos parágrafos do meu artigo antecedente, registarei que:

a) as pessoas mordidas por cão danado vêem, na água ou num espelho, a imagem do cão (ou, mais precisamente, da cabeça do cão) que lhes mordeu; diz-se em Ponta-da-Barca (distrito de Viana-do-Castelo) que o mordido vê a imagem do cão ao fim de um mês e, se então não danar, a verá periodicamente todos os meses, até lhe vir a raiva. Deverá notar-se que a incubação desta doença tem na verdade uma duração muitíssimo variável. No entanto, diz Menetrier, «le plus souvent la rage survient dans le cours du deuxième mois après l'inoculation, elle est rare après le troisième, et tout à fait exceptionnelle après six mois»; ³

b) se se der o caso de as pessoas mordidas não verem a imagem do cão, elas não terão a doença;

¹ *Revista Lusitana*, xxiii, 103.

² xv, 298.

³ Cap. *Rage*, de *Maladies communes a l'homme et aux animaux*, Paris 1906, pág. 308.— Neste lugar encontrará o leitor notícias curiosas acerca da incubação da raiva.

c) é por verem a imagem do cão que as pessoas mordidas têm horror à água e, conseqüentemente, aos espelhos.

Do procedimento da pessoa mordida por animal raivoso, quando se lhe pusesse deante um espelho, tirava Curvo Semedo o prognóstico da doença. Diz elle: «Porèm se o Medico for chamado quando o veneno tiver já communicado qualidades tão seccas, & malignas ao mordido, que tenha medo à agua; em tal caso, se o doente, vendo-se em hum espelho, se conhecer, pòde ter esperanças de remedios;»¹

Estas palavras de Semedo apoiam a crença popular de que é de bom prognóstico *não ver a imagem do cão no espelho*; um individuo que se reconhece num espelho, vê evidentemente a *sua própria imagem*.

Por outro lado, Brás Luis de Abreu, no *Portugal medico*², inclui a crença de que é a visão da imagem do cão que provoca o ataque de raiva: — «Outros dizem, que consiste este temor em se representar na agoa ao raivozo a imagem de hum Cão damnado, que feroz, & cruelmente o atemoriza, & ameaça». E cita, não posso verificar se a propósito, Paulo de Egina e Avicena.

Apesar das palavras acima transcritas de Semedo, — devem colocar-se no mesmo plano «espelho» e «água».

L. Ch. Roche e L. J. Sanson, nos seus *Nouveaux élémens de pathologie médico-chirurgicale*³, definem assim a «raiva»: «une maladie dont la nature n'est encore que soupçonnée, ayant pour caractères principaux l'horreur des liquides et souvent même celle des corps polis et brillans, avec sentiment d'ardeur et de constriction à la gorge, et quelquefois l'envie de mordre».

Aparecem aqui aproximados, como no — justificado, pelo que se vê — conceito popular, os liquidos e os «corpos polidos e brilhantes», entre os quais se comprehendem os «espelhos.»

Nada mais natural do que o mordido, horrorizado, ver, alucinadamente, a imagem do cão, — muito em especial se por essa tradição está já suggestionado. Também é natural que essa tradição se constituísse por generalização de quaisquer casos alucinatorios que realmente se houvessem dado, ou por se haver attribuído, numa explicação simplista mas de razoável associação de ideias, o horror da água e do espelho ao apare-

¹ *Polyanthea Medicinal*, ed. cit. pág. 526.

² Coimbra 1726, I, pág. 719, § 9.

³ 2.^a ed., Paris 1828, tomo II, pág. 284.

cimento da imagem do cão, como se apenas tal «imagem horrorosa» pudesse causar tamanho «horror». Recorde-se o que ficou acima recortado de Brás Luís de Abreu e a condizente crença popular, — a qual, na minha hipótese, não se teria formado posteriormente à crença do aparecimento da imagem do cão, mas «determinaria» a sugestão dêsse aparecimento. Ter-se-ia notado, primitivamente, o «horror» à água e às superfícies polidas e brilhantes; — como êsse horror era a característica da doença provocada por mordedura de cão raivoso, cujo aparecimento sempre haveria de motivar intenso pavor, relacionou-se, depois, aquele «horror» ao «aparecimento do cão», em imagem agora, na água ou na superfície polida; — assim se constituiria a crença de que uma pessoa mordida havia de ver aquela imagem. A fortalecer a explicação popular há o facto de um cão raivoso sentir uma crise de furor sempre que avista outro cão ¹.

Note-se, porém, a tradição seguinte, contrária à exposta:

«Toute personne mordue par un chien enragé, qui veut être fixée sur son sort, n'a qu'à se rendre à la fontaine de Saint-Segal, dans la commune de ce nom, arrondissement de Châteaulin. Voit elle dans les eaux limpides de la piscine le chien qui l'a mordue, elle n'a rien à redouter; ne le voit-elle pas, elle mourra à bref délai de la rage» ².

Trata-se, aqui, sem dúvida de uma fonte especial, como outras por certo, com a virtude de prognosticar a doença. Se a raiva é, aparentemente, o «horror à água», a «água» curá-la há, simpaticamente, homeopaticamente. Na referida fonte bretã, a água obra a distância, no espaço e no tempo: não é preciso tomá-la nem tocá-la para evitar que, no futuro, sobrevenha a raiva. E essa virtude, manifesta-a na imagem do cão que surge como «imunizante». A imagem que, ordinariamente, aparece como causa determinadora da «hidrofobia», aparece agora como, para assim dizer, uma «vacina». Ver a imagem do cão numa fonte de virtudes profilácticas, sem sentir a doença, é ficar *vacinado* contra a doença.

Fontes curativas da raiva, por se lhes aproveitar directamente a água, há várias. H. Gaidoz, no seu livro acerca de *la*

¹ «A vista dum cão promove n'elle [cão raivoso] sempre uma crise de furor (signal importantissimo);» Carlos A. Salgado d'Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Porto 1901, pág. 15.

² Sauvé, cit. in Rolland, *Faune populaire*, t. IV, pág. 75 — apud H. Gaidoz, *La Rage & St-Hubert*, Paris 1887, pág. 180. — Também vem citado no *Folk-lore de France*, de Paulo Sébillot, II, 245.

Rage & St.-Hubert, traz noticia de algumas. O princípio terapêutico é, como disse, homeopático. E o mesmo se dirá da água aplicada em banho, com fins terapêuticos, — como a seu tempo veremos.

Observámos as causas próximas dêstes prognósticos tirados da água e dos espelhos, perante a «raiva».

Devemos, porém, filiar tais prognósticos mais longe.

A água actua, no lance, como espelho, — e tanto assim, que, como na água (de poço ou não, sossegada ou corrente), poderá o mordido ver a imagem do cão no caldo (Ponte-da-Barca, Arcos-de-Valdevez), isto é, num liquido que funcione como «espelho».

De modo que, em última análise, ficamos reduzidos a «superficies espelhentas», a «espelhos» — e, portanto, a estas superficies mágicas procuradas, pelo tempo fora e pelo mundo fora, como importantes meios de preságio e prognóstico.

Houve já a *catropomancia*, isto é: a arte de adivinhar, por meio de espelhos encantados, qual fôsse o termo das doenças. «Inscipiunt in speculum, et ex ejus imaginibus periturus ne, an victurus sit aeger» — diz Pausanias. E o mesmo, de Pitágoras conta Rodoginio ¹.

Na Baixa-Bretanha, consulta-se o espelho das águas para se saber a duração da vida ². Em várias regiões, consultam-no os namorados ³.

O prognóstico deduzido da água ou do espelho, para a raiva, não é, pois, mais do que um caso particular da tradicional consulta a «espelhos», reforçada pelo papel especial que, na doença, desempenham as superficies polidas e brilhantes e a água (hidrofobia).

Vejamos agora a terapêutica.

Um bom remédio para a mordedura do cão danado é esfregá-la com pêlo do mesmo cão. «O melhor remédio para a cura da raiva é aplicar sobre a ferida uma mecha de pêlos do mesmo cão», diz-se no *Folclore da Figueira da Foz* ⁴. «O Cabelo [do cão] sára a ferida do Caõ posto sobre ella», vem no *Portugal médico*, de Brás Luís de Abreu ⁵.

Na *Polyanthea Medicinal*, Curvo Semedo registou esta mara-

¹ Cf. Ovídio e Castilho, *os Fastos*, Lisboa 1862, tomo III, pág. 323.

² Cf. P. Sébillot, *Le Folk-lore de France*, II, 244.

³ Ibidem.

⁴ Dos srs. Cardoso Marta e Augusto Pinto; Esposende 1913, II, pág. 38.

⁵ Coimbra 1726, I, pág. 721. Cf. também pág. 755.

ravilhosa propriedade do pêlo do cão; reproduzirei um passo do capítulo «muyto curioso, & digno de se ler»¹, em que este velho médico se refere àquela virtude do pêlo do cão, para que o leitor avalie o tom dêsse capítulo: «28. Infinitos exemplos pudêra referir de cousas que obraõ por virtudes, & qualidades occultas; mas fiquem em silencio, por não escandalizar aos que tudo attribuem às virtudes manifestas, negando de sorte as occultas, que dizem ser refugio de ignorantes recorrer a ellas. Quizera eu que os que negaõ as qualidades occultas, & as sympathias das cousas, me dessem a razãõ porque o ouro attrahe a si o azougue, porque a pedra de cevar attrahe a si o ferro, porque o alambre, & o diamante attrahem a si as palhas, porque a Safira faz exhalar o veneno dos buboens, & tumores pestilentes, porque os cabellos do cão danado, postos sobre a mordedura do mesmo cão, attrahem a si o veneno da mordedura, porque o fumo das sanguessugas mata, & afugenta os percevejos, porque o Eliotropio busca o Sol, porque o touro sendo taõ bravo fica manso, & perde a braveza atando-o a uma figueyra, porque o leão sendo taõ valeroso, estremece quando ouve cantar hum gallo, porque o elefante sendo taõ forte, teme a huma formiga, & quando está muyto assanhado, se aplaca de improviso com a vista de um carneyro, porque a Aguia sendo taõ altiva, & Rainha das aves, teme o escaravelho»², etc.

Gustavo Strafforello também se refere, no capítulo *Idrofobia dei cani* do seu livrinho *Errori e pregiudizii volgari*, a esta prática: — «I peli dello stesso cane applicati alla ferita, le erbe, gli unguenti, le pietre, le polveri miracolose son tutti impiastri, come suol dirsi, sopra una gamba di legno»³.

Esta medicação é geral. Usa-se em tôda a Europa, na India, na China — como H. Gaidoz fartamente documenta no seu livro acêrca de *la Rage & St.-Hubert*⁴ —, e sem dúvida noutras partes do mundo. Há, por exemplo, um provérbio na Lunda, cuja tradução é: *dentes de cão tratam-se com o pêlo dele cão*⁵.

Há outros vários provérbios e expressões em que o povo, de países diversos, mas por maneira idêntica, immortalizou a vé-

¹ Pág. 531.

² Pág. 538. — Francisco da Fonseca Henriques, no *Soccorro delphico*, também se refere à medicação (ed. de 1731, pág. 151).

³ Pág. 63.

⁴ Paris 1887, pág. 9.

⁵ Henrique de Carvalho, *Método práctico para falar a língua de Lunda*, — apud *Rev. Lus.*, XIX, 44, artigo do Sr. José Maria Adrião.

lha prática terapêutica. Referirei alguns dêsses ditados, ajuntando-lhes, de passo, outros que de perto se relacionam com êles.

Em Portugal, diz-se: *a mordedura* (ou: *a mordidela, a ferida, a ferradela*) *do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão* ¹.

Na Galiza, corre: *Travadelas de can co pelo do mismo can se curan*.

Em França, há o ditado seguinte, do século XVI: *Contre morsure de chien de nuit | Le mesme poil très bien y duit* (convient) ². E há também: *Du poil de la bête qui te mordit ou de son sang seras guéri*, — e: *Reprendre du poil de la bête*.

Na Itália: *Del can che morde, il pelo sana*; e ainda: *Con la pelle del cane si sana la morditura*.

Na Holanda: *Die van den hond gebeten is molt van het zelfe haar daarop leggen*, — e: *Leg er haar van den hond op*.

Na Alemanha: *Hundsbiss heilt Hundshaar*; — *Auf des Hundes Biss | Hundshaar nit vergiss, | und auf viel Wein lass Wein | das beste Pflaster sein*; — *Der Hund der einen beisst, lecht ihn wieder, bis er heil ist*; — *Der Hund der mich abends beisst, muss mich morgens wieder lecken*; — *Der Hund, der mich gebissen, mag mich auch wieder heilen*; — *Hundehaare auflegen*; — *Der Hund bezahlt mit der Haut*.

Na Escócia: *Tak a hair o' the dog that bit you* ³.

Na *História Natural*, Plínio alude à aplicação de pêlos do cão: «Menstruáue in panno subdidere calici, aut intus ipsius caudæ pilos combustos insuère uulneri» ⁴.

O pêlo do cão é muitas vezes usado em «fórmulas» especiais, exterior e interiormente.

O citado Curvo Semedo, na sua *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* ⁵, dá-nos esta receita: pêlos do mesmo cão cortados à tesoura e misturados com clara de ovo, postos na ferida.

«En Sicile — diz Angelo de Gubernatis ⁶ —, quand quel-qu'un est mordu par un chien, on coupe à celui-ci une touffe de poil qu'on plonge dans du vin avec un charbon ardent; on fait boire ce vin à la personne mordue».

¹ Este provérbio fêz dizer, chistosamente, a *Beldemónio*: «Maxima em materia de amores: — «A mordedura do cão cura-se com o pêlo de outro cão». — *A Cega-Kega*, n.º 1, Lisboa 1891, pág. 33.

² Cf. H. Gaidoz, *loco cit.*

³ E. Rolland, *Faune populaire de la France*, Paris 1877, IV, pág. 59, — apud *Revista Lusitana*, XIX, 44.

⁴ Livro XXIX, cap. V; pág. 527 da ed. de Basileia 1554.

⁵ Ed. de 1720, pág. 434.

⁶ *Mythologie zoologique*, II, 39, apud *Trad. pop. de Portugal*, pág. 169

No *Dictionnaire Infernal*, de Collin de Plancy ¹, lê-se: — ... «on brûlera les poils d'un chien enragé, on en boira la cendre dans du vin, et on guérira».

Pelo que se depreende do exposto pelo Sr. Pedro de Azevedo na *Revista Lusitana* ² —, Edmundo Doutté narra na *Magie & Religion dans l'Afrique du Nord* ³ uma prática (dos indigenas dessa região) que corresponde à cura da ferida do cão com o pêlo do mesmo cão.

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos arquivou nas *Tradições populares de Portugal*: ⁴ «Quando alguém é mordido por um cão (não danado) frita o pello do cão em azeite e põe-no por cima da mordedura. Até se costuma dizer: *cura-se a mordedura com o pello do mesmo cão* (Beira-Alta, etc.)».

Também na *Revista Lusitana*, xx, 79, se lê que, em Turquel, para a mordedura de cão (não danado, por certo, — pois que o autor do artigo se refere à «raiva» em parágrafo distinto), se deve aplicar à ferida um emplastro em que entrem alguns pêlos do mesmo cão.

O perigo principal, na ferradela do cão, está em ela provocar a raiva, e é talvez sempre com o fim de evitar esta doença que a referida terapêutica se preconiza — ou se preconizava; como já disse ⁵, crê-se que o cão não danado, mas apenas encolerizado, pode causar a raiva, mordendo.

Todavia, por mais antiga que seja a raiva, quero dizer: a observação da raiva, — a terapêutica é-lhe anterior. Antes de se «especificar» a doença — especificação realizada embora nos limites da primitiva observação —, deveria haver a referida prática medicamentosa, tendente a neutralizar, simpaticamente o «mal», não identificado, que porventura se julgasse ser transmitido na mordedura do cão. Confronte-se o que abaixo registo acêrca da ferradela doutros animais.

Em conclusão: o uso do pêlo do cão para curar a mordedura do mesmo cão vem de tempos antiquíssimos, consagrando-o também a velha medicina. Era um preservativo e uma terapêutica, essencialmente *simpáticos* ou, por assim dizer, ho-

¹ Paris 1826, t. IV, s. v. *rage*.

² Vol. XIV, pág. 310.

³ Argel 1908.

⁴ Pág. 169.

⁵ Vid. o meu artigo antecedente, na *Revista Lusitana*, XXIII, pág. 99-100. Cfr. ainda Menetrier, *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, já cit., pág. 303.

meopáticos. Similia similibus curantur — como se disse emblematicamente, quando tais práticas simplistas se converteram em escola científica.

Notarei que, no decorrer destas linhas, tenho empregado e empregarei os termos *simpatia* e *homeopatia* sem qualquer preocupação de escola ou método terapêutico. A Homeopatia ou Homeosimpatia (também chamada homeoterapia, homeodinamia, dinamopatia, doutrina homeoorgânica e hahnemannismo, do nome do seu inaugurador Hahnemann), como método terapêutico, é apenas do começo do século XIX. Esta Homeopatia fundava-se, não só em que os medicamentos curavam pela provocação de sintomas semelhantes aos da doença principal, mas ainda na negação da individualidade das doenças e na administração dos medicamentos em doses infinitesimais. Recordar-se ha ainda que a Homeopatia deu a isopatia, cuja divisa era *æqualia æqualibus*, e em que, por exemplo, para curar a tísica se recorria à dinamização dos pulmões atacados por essa doença ¹.

Hoje, a bem dizer, a expressão *a mordedura de cão cura-se com o pêlo do mesmo cão* quasi se usa apenas em sentido figurado.

«A expressão *Um pello do cão que vos morda* — diz Tylor, na *Civilização primitiva* ² — não era originariamente nem uma metaphora, nem um dito picante, mas uma verdadeira receita para curar a mordedura de um cão, e que nos fornece umas das antigas e numerosas applicações da doutrina homeopathica, segundo a qual o que dá a doença tambem a cura». E transcreve a frase *o pêlo do cão cura a mordedura*, — dos Eddas escandinávicos ³, idêntica ás expressões proverbiais citadas.

Em vez do «pêlo», também se empregou o «figado» do cão pôsto na mordedura, assado e depois comido; o «coalho do cão misturado com vinagre»; e «o sal fixo que se tirar da cinza do mesmo cão dado em água do cardo santo» ⁴.

Bras Luis de Abreu, no *Portugal médico* ⁵, menciona: «Outros aconselhaõ, que se coma o figado assado do mesmo caõ que mordeo». E cita Rivério que «nos seos Arcanos trás huma composiçaõ contra esta queixa [raiva], aonde entra o

¹ Cfr. E. Mota, *Lições de Pharmacologia e therapeutica gerais*, Lisboa 1901, pag. 168 a 180.

² Cfr. *Revista do Minho*, ano XII, columna 114. — Vid. também *Trad. pop. de Portugal*, pag. 169, nota.

³ Apud *Trad. pop. de Portugal*, pag. 169, nota.

⁴ Vid. Curvo Semedo, *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte*, 1720, pag. 434.

⁵ Bras Luis de Abreu, *Portugal médico*, Coimbra 1726, 1, pag. 720.

mesmo figado». Diz ainda o mesmo autor que «o Sangue [do cão], bebido he contraveneno na mordedura de alguma fera damnada»; e que a urina [também do cão] «he saudavel na mordedura do Cão, banhando a parte»; ¹

O emprêgo do figado do cão raivoso é o que se encontra mais vezes ². Já Dioscórides o mencionava ³.

Plínio fala também no figado: «Multo tamen utilissimè iecur eius, qui in rabie momorderit, dat, si possit fieri, crudum mandendum: si minus, quoquo modo coctum, aut ius coctis carnibus» ⁴. E mais abaixo: «Quin & necantur catuli statim in aqua, ad sexum eius qui momorderit, ut iecur crudum deuoretur ex ijs» ⁵.

Esta preferência pelo «figado» deverá basear-se no furor, que sintomaticamente caracteriza a doença, e que é relacionado com aquela glândula, produtora de fel, «assento da ira» ⁶. O figado foi também «assento do amar», *cogit amare jecur*, mas, no presente caso, atende-se ao fel: *fel continet iras* ⁷.

E, de facto, a raiva foi já atribuída ao excesso de bile. «D'après Élien — diz H. Gaidoz ⁸ —, elle provient de l'excès de bile et une théorie analogue est encore courante chez les chasseurs de Saint-Brieuc». Já citei, entre as causas de raiva, a ingestão do fel ⁹.

Em vez do figado, vê-se aconselhado o coração ou a cabeça do animal, comidos depois de cozidos ¹⁰. Do coração dizia Plínio: «Cor caninum habentem fugiunt canes» ¹¹, e, quanto à cabeça, recomendava usá-la em cinza na ferida: ... «in canis rabidi morsu tuetur à pauore aquæ capitis canini cinis illitus uulneri», ou internamente: «Idem & in potione proficit: quidam ob id edendū dederunt» ¹².

Também recomendava a ingestão da carne: «Saliūtur & carnes eorum qui rabit fuerūt, ad eadem remedia in cibo dandæ» ¹³.

¹ Ibidem, pág. 721.

² Cfr. H. Gaidoz, *op. cit.*, pág. 9-10.

³ Ibidem.

⁴ *Hist. Nat.*, liv. XXIX, cap. v; pág. 527 da ed. de Basileia, 1554. *Dat* tem «til» no t.

⁵ Ibidem.

⁶ António Ferreira, *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia*, 4.^a ed., Lisboa 1705, pág. 22.

⁷ Cfr. *loco cit.* — Vid. o que deixei escrito na *Revista Lusitana*, XIX, pág. 216.

⁸ *Op. cit.*, pág. 7.

⁹ Vid. *Revista Lusitana*, XXIII, pág. 97.

¹⁰ Ibidem, pág. 10.

¹¹ *Hist. nat.*, liv. XXIX, cap. v; pág. 527 da ed. de Basileia, 1554.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

A ingestão da carne do cão raivoso é incluída por Andry nas suas *Recherches sur la rage* ¹. Menciona-a também Brás Luís de Abreu, no *Portugal médico*, além da «espuma», do «suor», e do «sangue». Diz êle: «Se a mordedura for de Cão damnado, ou de algum homem, ou outro qualquer animal raivoso, ainda que não se manifeste no mesmo tempo a malignidade, bem pode a qualidade venenosa latente matar dentro de hum anno, & ainda despois do septimo anno, segundo a natureza do veneno, & a disposição do corpo; porque o tal veneno engana muyto, & està muyto occulto, & entre os venenos que se dão para obrarem em dillatado espaço de tempo se conta a carne de Cão raivoso, ou o sangue, ou a espuma ou o suor, pois tanta he a corrupção dos humores no damnado, que não somente comida a sua carne, mas ainda sò tocada a saliva, ou suor fas que o homem saõ vanha a cahir no detestavel, e latimoso affecto da Hydrophobia, ou raiva. *Galen. 6 de locis cap. 5*» ².

O mesmo autor recomenda ainda a carne do cão raivoso posta na ferida, — como aplicação equivalente à do pêlo ³.

Trata-se, em todos êstes casos, da mesma terapêutica homeopática.

A terapêutica dêste género encontra-se muito espalhada. Citarei êstes exemplos: «A picada do *lacrau* (*bothus occitanus*) cura-se collocando em cima, um *lacrau* esmagado» ⁴. «Quando se mata um *vibrão*, guarda-se a cabeça, que se aplica depois às mordeduras (S. Martinho de Bougado)» ⁵. Muitos outros exemplos se poderiam citar. Não falta, como é óbvio, nos tratados médicos. Assim, diz Curvo Semedo na *Polyanthea medicinal* ⁶: «a mordedura do lacrao, cujas dores, & terriveis ancias chegaõ os doentes às portas da morte, se tiraõ [sic], pondo em riba da dita mordedura as partes pudendas de hum menino, ou o mesmo lacrao morto, & machucado, ou em falta delle, o seu oleo, como diz Boyle»; e mais adeante ⁷: «O lacral, que vivo mata com a mordedura, morto, & feyto em cinza, he presentanea triaga para a pessoa mordida, dando-lho a beber com vinho».

¹ Paris 1780, pág. 327, *apud* H. Gaidoz, *op. cit.*, pág. 9.

² *Portugal médico*, ed. cit., I, pág. 754.

³ *Ibidem*, pág. 755.

⁴ Arronches Junqueiro, *Estudos setubalenses*, 1.ª parte, Setúbal 1906, pág. 50.

⁵ A. C. Pires de Lima, *Trad. Pop. de Santo Tirso*, 2.ª série, pág. 26.

⁶ Ed. cit., pág. 541.

⁷ Pág. 681.

Na *Pharmacopea tubalense*¹, lê-se: «A mordedura da Vibora he muy perigosa; o remedio mais presentaneo, que se lhe pode applicar, he contundir a cabeça da mesma Vibora, o mais breve que puder ser, e applicalla sobre a mesma ferida, e dando-se tambem ao mesmo tempo, ao enfermo algum sal das mesmas Viboras». Resume Brás Luis de Abreu, no *Portugal médico*²: . . . «applicar à parte [mordida por algum animal venenoso] o antipharmaco, ou contraveneno especial do mesmo veneno; como v. g. se a mordedura for de escorpiaõ, deve applicar-se, ou fregar o lugar ferido com a carne do mesmo escorpiaõ: *Ex Galen. lib. de Theriac. ad Pisonem*, porque o mesmo veneno por certa propriedade, & semelhança attrahe para as partes externas ao veneno que está introduzido nas internas».

O mesmo Brás Luis de Abreu, também no *Portugal médico*³, recomenda os dentes do cão reduzidos a cinzas contra as dores dos dentes; os bofes, o figado e o baço da raposa contra os achaques respectivamente dos pulmões, figado e baço.

Podia multiplicar as citações.

Tal processo terapêutico provém, indubitavelmente, dos tempos primitivos.

Lembro-me de uma criança que, sabendo, ao sair da casa de uma senhora tísica, que esta estava para morrer por doença nos pulmões, observou: «Porque lhe não dão pulmões de galinha?» Aqui estava, espontaneamente, reproduzida na medicina da infância a infância da medicina;—o raciocínio da criança, que, para «curar pulmões», escolheu «pulmões» («de galinha» por esta ave ser quasi inevitável nos tratamentos), estava dentro da homeopatia, ou, se quizerem, de um dos seus ramos,—o qual, trocado em actualidade, deu a opoterapia.

O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima transcreve, nas *Tradições populares de Santo Tirso*⁴, uma receita, que topou num manuscrito de um frade beneditino⁵, segundo a qual se dá um infuso de figueira do inferno ao mordido por cão raivoso, após o que «o doente he accomettido de um violento accesso de raiva, po-

¹ Manuel Rodrigues Coelho, *Pharmacopea tubalense chimico-galenica*, Lisboa 1735, pág. 184.

² I, pág. 753.

³ I, pág. 721 e 722.

⁴ III série, pág. 10-11.

⁵ *Livro da Razão sobre algumas particularidades pertencentes á Casa de Real, e de Covas, e vida do P.^o Preg.^o Fr. Joze Joaq.^o de S.^o Rosa, Monge de S. Bento, e Secularizado por decreto do S.^o D. Pedro IV no anno de 1834.*

rem.... de pouca duração; e termina com hum abundante suor, ficando o doente inteiramente curado».

Não passa de ser, aparentemente em aspecto diverso, a mesma homeopatia. Cura-se a raiva, provocando uma — digamos assim: — «doença semelhante».

Na fórmula curativa, acima transcrita das *Tradições populares de Portugal*, aparece o pêlo do cão frito em azeite.

E curioso que o azeite aparece em vários remédios contra a raiva.

Já Cornélio Celso recomendava, para curar a doença, banhos de azeite quente ¹.

Na provincia de Sevilha, em Montellano, para curar a raiva, come-se uma *tostada*, em que se substitui o açúcar, com que é de uso polvilhá-la, por «los polvos de los granos machacados» de «una yerba que produce una espiga larga, á modo de cordoncito, la cual, granada y seca, debe guardarse porque es remedio infalible para curar las mordeduras de un perro rabioso» ². Ora, a *tostada* é uma «rebanada de pan tostada al fuego y remojada con aceite ó untada con manteca», etc. ³.

António Ferreira regista o seguinte tratamento, na *Luz Verdadeira* ⁴: «Fomente-se todo o corpo por vezes com esponja molhada em azeite morno, usando sempre da triaga, assim bebida, como aplicada ao coração».

O azeite da lâmpada de Santa Quitéria de Meca, em untura, é especial remédio para curar a ferida de cão danado ⁵.

Terei ocasião de referir ainda outros remédios em que entra «azeite».

Também é freqüente o veículo «vinho», como se tem visto já, e se há de continuar a ver, neste artigo. O vinho pode ser usado interiormente, ou no lugar da ferida. Amato Lusitano manda escarificar a mordedura e lavá-la com *calido vino* ⁶. Tanto Amato Lusitano como Zacuto Lusitano empregavam emplastros em que entrava o «vinho» ⁷.

¹ Apud Ligeira contrib. para o estudo da raiva em Portugal, já cit., pág. 32.

² Biblioteca de las tradiciones populares españolas, tómo 1, Madrid 1884, pág. 300.

³ Ibidem, nota 84.

⁴ Ed. cit., pág. 182.

⁵ António Augusto Pereira de Matos, *Algumas palavras sobre a raiva em Portugal*, Lisboa 1897, pág. 66.

⁶ Cf. Andrade, *op. cit.*, pág. 36.

⁷ Ibidem, pág. 37.

A par com o vinho, o vinagre. Em Âncora (concelho de Caminha), quando o cão morde, tratam de esfregar imediatamente a ferida com vinagre e sal.

No Algarve (Faro, Tavira), a mordedura do cão esfrega-se com alho e a pessoa mordida come pão com alho quarenta dias, após os quais se dirige a S. Romão (que é advogado dos cães marfados), dando três voltas à igreja, que se chama de S. Romão-de-Vilarinhos (Alportel).

Aqui aparece o «alho» como remédio da raiva, remédio de que também se ouve falar ainda no norte. «É tradição vulgar — conta o Snr. Dr. A. Pires de Lima nas *Tradições pop. de Santo Tirso* ¹ — que os alhos realizam curas milagrosas».

Empregam-se muito, hoje ainda, contra os cães raivosos. Metem-nos em pedaços de carne que dão aos cães, de longe, em pás ou em qualquer objecto que ponha a seguro, pela distância, a integridade física do curador (Ponte-da-Barca).

Em tal tratamento, povo e médicos se deram as mãos. O folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessario ir a Pariz* appareceu, em 1890, precisamente para propaganda da terapêutica da raiva pelo alho, pois que — diz o folheto ² — «após revelações extraordinarias da natureza e meditação sôbre ellas, chegou o Snr. Dr. Ferreira Moutinho á conclusão de que os effeitos da mordedura do cão damnado tem o seu antidoto natural no *allium sativum*».

Não deixa de ser curioso o registo do tratamento da raiva pelos alhos, preconizado no dito folheto. Transcrevo:

—«É muito simples o tratamento d'esta molestia, seguindo as instruções práticas do Sr. Dr. Ferreira Moutinho; pôde dizer-se que se reduz a dar á pessoa mordida por animal raivoso um dente d'alho ás comidas, tres por dia, por espaço de trinta dias, ou seis gottas da tintura homœopathica do mesmo *allium sativum*, deitadas em assucar ou em uma colher d'agua, tres vezes tambem por dia, uma hora antes das refeições, tendo antes, em seguida á mordedura, ligado o membro ferido (quando seja possivel) com uma atadura qualquer, afim de obstar á absorpção do virus ³ e lavado com agua fresca e expremido

¹ 2.^a série, Porto 1917, pág. 26.

² «Ao Leitor», pág. 3

³ Acrescenta em nota: — «A ligadura ou compressão deve ser feita da parte de cima do ferimento, isto é, entre a mordedura e o coração».

com muito cuidado as partes feridas para que sangrem bem, cobrindo-as depois com fios embebidos em azeite em que se tenham esmagado alguns dentes d'alho ¹.

«É este o melhor cauterio, o mais prompto e efficaz. O Sr. dr. Moutinho não approva e antes rejeita a cauterisação com ferro em braza; porque, não sendo immediata, é inutil e até nociva, além de muito dolorosa porque, carbonisando os tecidos, difficulta e impede a saída do sangue que arrasta consigo o virus inoculado. É por esta razão que recommenda se lavem e expremam bem as feridas.

«O *allium sativum*, por effeito da sua acção especifica, deve dar-se durante o periodo de incubação e nos outros já descriptos, do mesmo modo e na mesma dose, sendo para notar que durante o terceiro, não tendo a pessoa mordida usado antes, como acima fica recommendado, é muito provavel que a raiva continue a desenvolver-se, e n'este caso, logo que o hydrophobo manifeste os signaes precursores do primeiro accesso de furia ou da alienação mental rabica, convém que o embrulhem n'um cobertor e o amarrem e deitem, para que não possa morder nem ferir as pessoas que lhe assistem e lhe dêem, durante o accesso, cabeças de alho, para que sacie n'ellas o indomito furor, trincando-as e mastigando-as.

«Se isto fôr praticado, o doente começará pouco a pouco a socegar, cahirá por fim em somno e acordará, banhado em suor, no goso das suas faculdades intellectuaes; pedindo agua, a qual beberá immediatamente! Os accessos não se repetirão e em poucos dias se restabelecerá.

«Muitos casos de cura pela simples applicação dos alhos, ministrados por este modo, durante o primeiro accesso, o provam sobejamente». —

Ai está, pelo meúdo, como a medicina de tempos recentes procedia.

O alho, porém, não se administrava só por via interna. Há receitas de vários emplastros, para colocar na mordedura. Amato Lusitano aconselha um, em que entram cabeças de alho, teriaga, etc. ² Pedro Miguel de Herédia outro, com alhos, trigo, opopo-

¹ E em nota: — «Se a pessoa mordida não poder supportar o queimôr do oleo, applicará sobre as feridas pomada camphorada, cobrindo-as depois com fios de linho e assim continuará a cural-as até que saírem».

² Cfr. Carlos de Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Porto 1901, pág. 36-37, onde vem transcrita a receita.

nax, vinagre, etc. ¹ Brás Luis de Abreu, no seu *Portugal médico*, diz ter curado, em Aveiro, três casos de raiva, sarjando as feridas e colocando-lhes «ventosas com bastante fogo, & ao despois mandando lavar a parte com agoa ardente em que se tinhaõ lançado huns poucos de alhos pizados» ²;

Outros médicos, então, receitavam o alho por fora e por dentro,— como Gabriel Grysley, fisico de D. João IV ³.

Como os médicos, fazia o povo,— que povo e médicos, desde a infância da terapêutica, se têm mutuado as medicações...

O folheto, que citei acima, nota acêrca do tratamento pelo alho:

«E veem em confirmação da efficacia d'este tratamento os milhares de casos de curas obtidas nas provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira como logo se verá com receitas particulares, em cuja composição entram os olhos [aliás *alhos*], as quaes devem a sua virtude prophylatica e curativa unicamente aos alhos, que são o antidoto natural do virus rabico, como está provado» ⁴.

Vê-se, portanto, que tal prática era popular, devendo-se ter estendido ao pais todo. Não era ela, porém, privativa da nossa terra — escusado era dizê-lo —; usavam-na lá fora médicos e leigos.

O mesmo folheto narra os bons resultados colhidos com a terapêutica aliácea ⁵ na Inglaterra, Espanha, França ⁶, — havendo essa terapêutica sido descoberta *por acaso*. Os primeiros artigos que em Portugal appareceram sôbre essa medicação foram do Dr. Vitorino Pereira Dias no *Commercio do Porto* ⁷, segundo o folheto referido (cujo autor pelo visto desconhecia os nossos velhos fisicos), o qual refere ainda que o Snr. Dr. José Maria da Cunha Seixas informou, por êsse tempo (1882), serem no Oriente usados os alhos como remédio vulgar contra a raiva. Êste facto leva o autor do folheto a declarar: ⁸

«A noticia dada pelo Snr. Dr. José Maria da Cunha Seixas leva-nos a suppôr que o emprêgo dos alhos, em padecimentos hydrophobicos, na provincia do Minho, é secular, e que tal des-

¹ Cfr. obra cit., pág. 38.

² I, pág. 720.

³ Cfr. Andrade, *op. cit.*, pág. 38.

⁴ Pág. 11.

⁵ Pág. 14.

⁶ Caso narrado por Boulay. Raspail também recomenda o alho.

⁷ N.ºs 62, 101, 102, do ano de 1882.

⁸ Pág. 15-16.

coberta nos viria do Oriente nos tempos primitivos das nossas relações com aquelles povos. A não ser assim, cabe então a gloria do descobrimento a Portugal, ou este descobrimento fôsse feito por medicos portuguezes, ou casualmente pela gente dos campos. O que não offerece duvida é que o uso dos alhos, na cura da raiva, é conhecido em diversos logares das nossas provincias».

A terapêutica da raiva pelos alhos, pelo que se vê, vem de tempos imprecisáveis, provavelmente oriunda do Oriente, e a medicina não fêz mais do que recolhê-la de entre o povo. O alho tem qualidades vermífugas, como é sabido,—e em tempos em que a matéria-médica não ia longe, nem o conhecimento da etiologia e patogenia das doenças,—natural era que a Medicina recorresse ao uso do alho para a extinção de agentes mórbidos, tidos como organizados ou não — numa extensão curativa fácil de perceber. Emprega-se hoje muito o alho para curar, e para evitar, mordedelas de *bichos* (mosquitos, centopeias, aranhas, etc.); internamente, ou só cheirando-o, contra as lombrigas («bichas»).

«No Brazil — conta o dito folheto ¹ —, as pessoas que trabalham nas roças costumam esfregar as mãos, os braços e as pernas com alhos pisados — por evitarem a mordedura das cobras, que fogem sentindo o cheiro alliáceo». É mais uma prova do velhissimo e tradicional papel attribuido ao alho, — que é também, como se sabe, um magnifico amuleto ².

Já Quinto Sereno Sammonico, a respeito das crianças, dizia ³:

Præterea si forte premit strix atra puellos,
Virosa immulgens exertis hubera labris,
Allia præcepit Titini sententia necti.

São numerosissimas as «receitas de família», algumas secretas, de que há noticia. Em muitas, senão na maior parte delas, entra o alho.

Entre tais receitas, deve-se colocar em primeiro lugar a «de Santo Tirso», que tam discutida foi! O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso* ⁴, refere-se largamente a êsse remédio, contando várias peripécias que originou. A fórmula, segundo Alberto Pimentel, ⁵ seria a de

¹ Pág. 5.

² Vid. Leite de Vasconcelos, *Religiões de Lusitania*, I, 118; *Folclóre da Figueira da Foz*, II, 85; etc.

³ Vid. Ovidio e Castilho, *Os Fastos*, tómo III, parte I, pág. 345.

⁴ 2.^a série, pág. 23 e segs.

⁵ Vid. A. C. Pires de Lima, loc. cit., pág. 24-25.

Fr. Luís de Barros, último boticário dos Mosteiros dos Beneditinos; nela entra *silvão branco, rama de salva, rama de arruda, margaca, sal, alhos, escorcioneira, raiz de terraxaco, vinho branco ou tinto*; toma-se durante nove manhãs. O folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessário ir a Pariz* refere-se também ao remédio de Santo Tirso, nos termos seguintes:

— «Em Santo Thyrsó ha uma antiga familia que possui uma receita, que tem ficado de paes a filhos, na qual todas as pessoas d'aquelles arraballes, mordidas, teem encontrado completo salvaterio...»¹.

E ajunta em nota:

«Os curiosos que desejarem ter conhecimento da historia e composição da receita que desde 1796 ali tem curado milhares de pessoas, podem lê-la em o n.º 2:444 do *Economista* de 26 de Outubro de 1889. As partes componentes d'este remedio são: arruda, salsa, margaridas brancas, raiz de escorcioneira, dita de roseira brava, alhos e sal».

¿É esta a fórmula? é aquella? é outra? Tanto dá. Nela entram sem dúvida, com pequenas variantes, as substâncias que outrora se aconselhavam como infalíveis².

Em segundo lugar, registarei o «remédio da Cardanha», aproveitando as palavras de Carlos A. Salgado de Andrade³:

«Designarei assim [Remédio da Cardanha], servindo-me do nome da povoação, o remedio que ali se faz e de grande voga naqueles sitios contra as mordeduras de cães damnados. Pertence a Cardanha, pequena aldeia transmontana, ao concelho da Villa de Moncorvo da qual dista 2 leguas, e ao distrito de Bragança. Tentando investigar a origem do remedio, pude saber que ha uns 150 annos o possuia o P.^e Canellas, Reitor da Adeganha, povoação a meia legua da Cardanha, e que lhe fôra dado por um frade. Este Reitor ensinou-o depois ao P.^e José Rodrigues, vigario da Cardanha e a uma tal Anna Claudina que o foram divulgando e passando a differentes individuos mais ou menos aparentados. Por esta forma foi transportado para differentes logares que hoje se orgulham do seu remedio e que pretendem a primazia. Desde muitos annos, acudiam á

¹ Pág. 16.

² Sobre a composição da receita, vid. A. C. Pires de Lima, obra cit., pág. 25.

³ Obra cit., pág. 95-97.

Cardanha mordidos de todo o norte do paiz e principalmente de Traz-os-Montes e Beira, bem como da Galiza..... Em 1868, estando alli um italiano, comprador de *folhelho*, não teve duvidas em dar 8 libras pelo segredo que provavelmente transportou para a patria do Dante.....

«A sua formula consiste no seguinte:

Raiz de silva brava	Uma pollegada
Alhos	Uma cabeça
Salsa	Uma mão cheia
Absintho	» » »
Arruda	» » »
Margaça	Duas mãos cheias
Escorçioneira.	Uma mão cheia
Vinho branco.	Um quarteirão

«Com todas estas substancias trituradas fazem-se 9 bolos eguaes. Lança-se cada um d'estes num quarteirão de vinho branco, para o homem, e de leite, para o cão. Filtra-se atravez d'um panno e toma-se, depois de filtrado, todos os dias esta porção. Applica-se este tratamento durante 9 dias; cada bolo para seu dia. O doente deve passear ou correr depois da ingestão do remedio e deve preservar-se de comidas salgadas e de *dormir com mulheres* (sic)». —

Como se vê, a fórmula é idêntica à que acima foi exposta, nela aparecendo também o número *nove* (três $\times$ três), que tanto figura, como o seu submúltiplo *três*, nas superstições populares.

Mais algumas receitas:

— «Ha quatro annos, falleceu um barbeiro do tempo do Protomedicato, residente em Gonca, suburbios de Guimarães, que tinha carta de sangrador. Este barbeiro curou, durante muitos annos, dezenas de pessoas feridas por animaes raivosos, deitando-lhes um caustico na nuca, e mandando-lhes mastigar e engolir alhos ás comidas» ¹.

— «Na Povia de Lanhoso,..... não deixam os alhos de ser empregados como remedio efficaç contra as mordeduras hydrophobicas. Temos presente a formula do sr. dr. Celestino Ramalho, com que tem curado differentes pessoas e muitos animaes mordidos, a qual deve a sua virtude anti-rabica aos alhos que n'ella entram»... ².

¹ *Cura da mordedura do cão damnado sem ser preciso ir a Paris*, pág. 16.

² Pág. 16-17 — Na fórmula entra: raiz de arruda, alecrim, salsa, trevo marcado, alhos e vinho branco.

— «Ha tambem n'esta villa [Póvoa-de-Lanhoso] uma antiga familia, possuidora de um remedio que..... é de um effeito prodigioso. Consta de tres gemmas d'ovos e azeite, e é dado em jejum, tres manhãs consecutivas, ás pessoas mordidas»...¹. O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Trad. pop. de S.^o Tirso*, III série, pág. 11, transcreve do já citado manuscrito, que pertenceu a um frade beneditino, uma receita em que entram 3 gêmas de ovo e azeite, e na pág. 12 (nota), outra, copiada do folheto *Cautela com os medicos.....* do P.^e José de Sousa Amado (Lisboa 1858), na qual também entram 3 gêmas de ovo e onça e meia de azeite. São, aproximadamente, a mesma coisa.

Na *Gazeta médica do Porto* (1843), o cirurgião António Coelho de Magalhães Queirós, além da cauterização das *lissas* e das mordeduras, preconizava nos três dias a seguir «o tão decantado — diz Carlos A. Salgado de Andrade² — preservativo das 3 gemas d'ovo encorporadas em azeite».

O folheto *Cura da mordedura*, etc., noticia ainda muitos remédios secretos — em que entra «alho», no entanto —, na posse de familias de várias localidades³. Registarei só mais este, por a propósito d'ele se falar de dois notáveis escritores portugueses:

— «Junto a Vizeu, n'um lugar chamado Ribeiradio, existe uma familia que, desde muitos annos, quando alguem d'aquellas paragens e povoações limitrophes é mordido por animaes raivosos, dá um remedio preparado por ella, que nunca deixou de corresponder ás esperanças n'elle depositadas. É tão notoria a sua efficacia, que *As Republicas*, jornal litterario, em tempos redigido pelos srs. conselheiro Thomaz Ribeiro e Camilo Castello Branco, d'ella trata. O snr. Thomaz Ribeiro chegou a manifestar, no referido jornal, o humanitario desejo de vêr a camara comprar o segredo e o revelar, a bem do paiz. Não nos consta que os anhelos do illustre auctor do *D. Jayme* fossem satisfeitos. Cousas portuguezas!...» —⁴

Como provado fica, o «alho», interior e exteriormente, esteve em grande voga, sôbre muitas outras substâncias vegetais, — tanto em Portugal como lá fora. Já disse o que me parecia quanto à razão e origem d'este tratamento.

¹ Pág. 17. — O folheto manda ver, a propósito, *Diario Illustrado*, n.^o 5.583, de 23 de Outubro de 1888, e *Seculo*, n.^o 2.754, de 10 de Outubro de 1889.

² Pág. 42.

³ Vid. de pág. 17 a 20.

⁴ Págs. 18-19.

Menetrier, na obra que já citei ¹, diz o seguinte:

... «depuis les temps les plus anciens, on a cru trouver dans la bouche des accidents spéciaux indiquant l'imminence de la rage. Pline, reproduisant une opinion courante, rapporte que les chiens ont sous la langue un petit ver, appelé par les Grecs λόσσα (rage), et qu'il suffit de le leur enlever pour qu'ils ne prennent pas la rage: cette fable, reproduite d'âge en âge, fut définitivement réfutée par Morgagni; mais elle reparut sous une autre forme quand, en 1820, Marochetti, puis Xanthos de Siphinus, recueillant des traditions populaires en Russie et en Grèce, avancèrent qu'on trouvait sous la langue des mordus, des vésicules ou vésico-pustules, les lysses, qui étaient un signe certain de rage», etc.

Sôbre o mesmo assunto diz Trousseau:

... «C'était même une tradition en Russie et en Grèce, que si l'on faisait à temps l'ouverture puis la cautérisation de ces vésicules ou pustules, on n'avait plus à redouter les manifestations de la rage. Le docteur Marochetti aurait expérimenté souvent ce mode de traitement et avec un entier succès; il est vrai qu'il conseille en même temps l'usage d'une tisane composée avec le *Genista tinctoria* de Linné, qui depuis longtemps était employé dans l'Ukraine contre la rage» ².

À tradição não escapou o nosso país, pois que se fala até de um processo de curar a raiva, introduzindo uns ferros quentes na boca. Não posso precisar locais onde a tradição corra ainda. Natural é, porém, que ela fôsse muito espalhada, pois que a medicina scientifica nacional também a estimulou. Isso se deduz, por exemplo, do folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessario ir a Pariz* ³.

Diz êsse folheto:

— «LISSES.

«Tem-se observado, tanto no homem como nos animaes, que do 3.º ao 9.º dia, depois da inoculação do virus rabico, se desenvolvem umas vesiculas, ao lado do freio da lingua, do tamanho de uma ervilha, redondas, raras vezes alongadas, de uma côr branco-escura, umas vezes crystallinas, outras opacas, contendo um humor viscoso.

¹ Pág. 309.

² *Clinique médicale*, t. II, Paris 1868, pág. 430.

³ Pág. 8-9.

«Dá-se a estas vesículas o nome de *lisses*, as quaes costumam desaparecer em 24 horas.

«Julgou-se em principio que eram ellas o signal positivo da infecção rabica; mais tarde, porém, veio-se no conhecimento de que a hydrophobia se desenvolve sem apparecerem as *lisses*; portanto não são ellas o reservatorio do virus, que d'ali se transmite ao bolbo rachideano, e que não é a cauterisação, pratica mui recommendada, o meio efficaç de evitar ou prevenir a evolução natural do virus rabico.»—

Houve ainda outro remédio, que prova a attribuição da raiva a *lisses*, chamado «pós *anti-lyssos*», compostos de *Hepatica terrestre* e *Pimenta negra*, como se vê na *Pharmacopea portuense*, do século XVIII ¹. Por ser interessante, recorto o que esta *Pharmacopea* diz dos «Pos antilyssos, ou contra a mordedura de Caõ danado»:

—«Estes pós foraõ inventados pelo Dr. Mead, celebre Medico de Londres; o qual certifica a sua efficaçia, com muitas observaçoens, e diz que este remedio nunca faltou a pessoa alguma; mas adverte, que se deve aplicar em tempo conveniente, isto he, antes que se manifestem os symptomas da Hydrophobia, o que succede ordinariamente sete, ou oito dias depois da mordedura: o modo de admenistralos he o seguinte. Dar-se-ha huma dose destes pós ao mordido pela manhã em jejum, em huma libra de leite quente, o que se continuará por quatro manhãas; depois de acabar detomar estas quatro doses, banhar-se-há o mordido, todas as manhãas em jejum, por tempo de quatro mezes, em hum banho de agua fria, o qual se poderá tomar em huma fonte, ou em hum rio: meter-se-há todo debaixo da agua, e depois tirará só a cabeça para fõra, e deixará estar assim o corpo debaixo da agua por espaço de hum minuto somente, se a agua estiver muito fria: passados quatro mezes, bastará que o mordido se banhe tres vezes na semana, mediante este methodo pode o doente estar certo de que fica libre do perigo.»— ².

—¿De onde proveio esta localização de agentes da raiva em tal lugar? Recordando-se o facto de se attribuir à saliva, desde os tempos mais antigos, a veículação da raiva, tudo fica

¹ *Pharmacopea portuense*, de Antonio Rodrigues Portugal, Cyrurgiaõ da Cidade do Porto, e della natural, Pôrto 1746, pág. 148.

² Págs. 148-150.

devidamente esclarecido. Até scientificamente, querendo-se. Veja-se mais êste passo de Trousseau ¹:

«Si donc, dans les maladies virulentes en général, le virus a un siège d'élection, il semblera moins étrange de voir le virus rabique se localiser sur l'extrémité libre des conduits excréteurs des glandes salivaires, surtout si l'on songe que le virus rabique a la salive pour véhicule. On peut encore faire observer que s'il est vrai que les lysses se limitent aux conduits excréteurs des glandes sublinguales et sous-maxillaires, cette localisation spéciale n'est point en désaccord avec les expériences de M. Claude Bernard, qui démontrent que les glandes salivaires ont chacune leur spécialité de sécrétion. Enfin, de même qu'elles sont chargées d'éliminer certaines substances, telles que l'iode et les iodures de potassium et de fer, de même elles pourraient éliminer un poison organique, une matière virulente qui, à un moment déterminé et en vertu de circonstances spéciales, s'accumulerait, s'emmagasinerait dans les extrémités des conduits excréteurs de ces glandes, ou dans les follicules salivaires du voisinage. Vous comprenez — esclarece Trousseau, concluindo — qu'ici je n'essaye pas de démontrer l'existence des lysses, je veux seulement faire voir que le fait n'aurait rien de contraire à la pathologie ni à la physiologie» ².

Embora assim se dêem visos científicos à explicação — o que testemunha a propaganda da referida patologia entre a classe médica,—não é na ciência moderna que devemos ir procurar essa explicação.

Os raivosos espumavam pela boca; além disso era pela mordedura que a propagação da doença se tornava bem visível, —daí o atribuírem, naturalmente, a veiculação da raiva à saliva e o irem procurar o seu vírus à boca.

Há, na *Hist. nat.* de Plínio, um passo em que é recomendado o seguinte tratamento: «Est limus saliuæ sub lingua rabiosi canis, qui datus in potu, fieri hydrophouos non patitur» ³. Êste tratamento simpático comprova a crença de que o agente morbífico se originava na boca.

Para Plínio, êsse agente era um verme: «Est uermiculus in lingua canum qui vocatur à Græcis lytta, quo exempto infantibus catulis, nec rabidi fiunt, nec fastidium sentiūt» ⁴, e daí a pro-

¹ Trousseau, *loco cit.*, II, pág. 431.

² Pág. 431.

³ *Loco cit.*

⁴ *Ibidem.*

filaxia, como acima simpática: «Idem ter igni circumlatus, datur morsis à rabioso, ne rabidi fiant» ¹. Para outros, o verme estava, não na bôca, mas na cauda do animal ².

A atribuição de doenças a *bichos* é, como já tive ocasião de notar ao de leve, uma crença generalizada.

H. Gaidoz, a tal propósito, especifica a «croyance universelle» que atribui as dôres de dentes à «presence de vers dans la bouche» ³.

O Sr. D.^{or} J. Leite de Vasconcelos, no *Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas* ⁴, refere-se a essa superstição, especificando-a também no tocante aos dentes.

Entre as causas da raiva, referi a ingestão de azeitonas verdes, por estas conterem um *bichinho* ⁵.

Seja, porém, qual fôr a natureza da causa morbígena, — o melhor remédio não podia deixar de ser extingui-la directamente, no próprio lugar onde existisse.

Entre os vários meios de extinção directa dessa causa, apparece-nos o «fogo»: o que arde cura levado ao mais violento e eficaz ponto — o do autêntico fogo purificador. Expõe Trouseau ainda ⁶:

... «imitant en cela la tradition de la Thessalie et de l'Ukraine, se hâtait-il [o russo Marochetti] d'ouvrir les vésicules éruptives pour donner issue au dépôt virulent, puis il cautérisait avec le fer rouge la cavité des vésicules. Cet auteur affirme que cette pratique a toujours été suivie de succès dans les nombreux cas qu'il a observés en Ukraine».

Vê-se, portanto, a filiação do costume português, a que aludi acima, de se fazerem cauterizações na bôca.

A cauterização — como é supérfluo insistir — usou-se muito (e com fundamento scientifico) nas feridas causadas por animal raivoso. Todos os livros médicos a isso se referem.

«Les anciens — diz um dicionário médico de 1821 ⁷ — avaient conçu la plus haute idée des vertus du feu, employé dans le traitement des maladies. Une sentence, devenue célèbre, du père de la médecine, atteste qu'il considérait cet agent comme

¹ *Loco cit.*

² Cf. H. Gaidoz, *op cit.*, pág. 6-7.

³ *Op. cit.*, pág. 6.

⁴ Porto 1882, pág. 65 e segs.

⁵ Vid. *Rev. lus.* XXIII, 97, nota 6.

⁶ *Loco cit.*, pág. 431-432.

⁷ *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1821, tomo III, s. v. «calorique»; pág. 230.

le moyen thérapeutique le plus puissant dont l'art de guérir puisse faire usage. Aussi l'employait-il souvent, soit afin de désorganiser les parties malades, que les médicaments n'avaient pu ramener à leur état naturel, soit pour ouvrir au pus contenu dans les abcès froids et dans les abcès par congestion, ou même à la sérosité accumulée dans la cavité des plèvres, une issue facile; soit enfin dans l'intention d'exercer sympathiquement, ou d'une manière médiate, et par continuité de tissu, une action stimulante ou révulsive sur les organes malades que recouvrait la peau qu'il cautérisait. . . . Les successeurs d'Hippocrate, et ensuite Celse et Galien, plus tard les Grecs modernes, et parmi eux Archigènes, Aetius, Arétée, Paul d'Egine, etc. Coelius Aurelianus, qui copièrent et qui souvent défigurèrent leurs écrits, enfin les Arabes, tels que Albucasis, Rhazès, Ali-Abbas, firent de la cauterisation l'emploi le plus étendu et le plus varié.

O emprêgo de «cáusticos» — e no geral os tópicos empregados contra a raiva, neste meu artigo referidos, obram pelas suas virtudes cáusticas — é também uma variedade do emprêgo do calórico. Deve recordar-se que o calórico vai, no seu uso, desde a simples rubefacção até à cauterização franca, por intermédio de corpos incandescentes.

Do tratamento pelo calor, a distância, por irradiação, é de poimento deveras curioso a seguinte prática dos selvagens do Brasil, contada por Couto Magalhães ¹:

«Empregam também [os selvagens do Brasil] o fogo como agente therapeutico nos casos de serem mordidos por animais peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos, chegam o membro ferido junto ao fogo, emquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles».

Tratamento semelhante fazemos nós, hoje, para as queimaduras,—o que não passa de uma applicação homeopática: curar a queimadura com nova «queimadura», embora esta a distância, por irradiação calorífica.

(Continúa).

CLÁUDIO BASTO.

¹ *Trabalho preparatorio para aproveitamento do selvagem e do solo por elle occupado no Brazil*, Rio-de-Janeiro 1876—duas partes num só volume mas com numeração de páginas especial.—A transcrição acima é da II parte, pág. 18.